

FACONNECT

A CASA TOMBADA

ESPECIALIZAÇÃO EM O LIVRO PARA A INFÂNCIA: PROCESSOS
CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO

**Patrimônio, Museus e as Artes Visuais através da
literatura:**
a cultura da intermidialidade

LAURA TEIXEIRA DE OLIVEIRA

São Paulo SP
2025

FACONNECT

A CASA TOMBADA

ESPECIALIZAÇÃO: O LIVRO PARA A INFÂNCIA: PROCESSOS
CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO

**Patrimônio, Museus e as Artes Visuais através da
literatura:**
a cultura da intermidialidade

LAURA TEIXEIRA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito à
obtenção do grau de especialista em O livro para a
infância: processos contemporâneos de criação,
circulação e mediação da Faconnect e a Casa
Tombada.

Orientador: Dra. Camila Feltre.

São Paulo SP

2025

Patrimônio, Museus e as Artes Visuais através da literatura: a cultura da intermedialidade

RESUMO

Trata-se a análise de livros que tem como temática museus e as artes plásticas como forma de intermedialidade, ou seja, uma mídia ser representada por outra. A intermedialidade enquanto metalinguagem auxilia a divulgação das produções artísticas tornando-se acessíveis a diversos tipos de públicos. É um trabalho também biográfico que apresenta percepções da autora sobre os livros e as reflexões que possam surgir. Tais análises auxiliam na compreensão de como as artes, patrimônio, museus e livros se interconectam. A escolha deste tema apresenta um desejo de alcance de mais indivíduos despertando seu interesse por museus e as obras que oferecem à sociedade.

Palavras-chave: Museu, Patrimônio, Artes Plásticas, Literatura, Intermedialidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: REFLEXÕES SOBRE A IDEIA DE PATRIMÔNIO, MUSEUS E ARTES	11
CAPÍTULO 2: ANÁLISE DOS LIVROS ESCOLHIDOS SOBRE CADA ASSUNTO	15
LIVRO 1 - MESTRE VITALINO	15
LIVRO 2 - MANU PINTORA DE SONHOS	19
LIVRO 3 - VISITANDO UM MUSEU	25
LIVRO 4 - VIAGEM PARA OUTROS TEMPOS: UM MUSEU SEM MOLDURA	26
LIVRO 5 - MAIOR MUSEU DO MUNDO (MMM)	29
CAPÍTULO 3: CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTE	32

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1 - Gráfico com as 3 palavras chaves do trabalho.....</i>	<i>14</i>
<i>Figura 2 - Livro imagem - Mestre Vitalino. 2013. Capa</i>	<i>15</i>
<i>Figura 3 - Livro imagem - Mestre Vitalino. 2013. Contracapa</i>	<i>15</i>
<i>Figura 4 - Mestre Vitalino.....</i>	<i>18</i>
<i>Figura 5 – Livro Mestre Vitalino. 2013. Folha de rosto com o detalhe da janela de onde pessoas acenavam.</i>	<i>18</i>
<i>Figura 6 –. Livro Mestre Vitalino. 2013. Única página do livro com texto verso da pagina de rosto.....</i>	<i>19</i>
<i>Figura 7 – Livro Mestre Vitalino. 2013. Cena do livro na qual as crianças ficaram para trás para ver o cortejo..</i>	<i>18</i>
<i>Figura 8 - Livro Mestre Vitalino. 2013. Cena das crianças com as miniaturas.</i>	<i>19</i>
<i>Figura 9 - Capa do livro Manu: Pintora de Sonhos e que faz Capa do livro com a imagem que faz referência a Monalisa de Leonardo Da Vinci.</i>	<i>19</i>
<i>Figura 10 - Mona Lisa (em italiano, La Gioconda), foi pintada em 1503 e exibe uma misteriosa feição (no livro Manu Pintora de Sonhos).</i>	<i>20</i>
<i>Figura 11 https://www.guiadasartes.com.br/henri-matisse---jazz-2017-04-12.....</i>	<i>21</i>
<i>Figura 12 Figura que faz referencia a Matisse.</i>	<i>21</i>
<i>Figura 13 - Pintura no Templo de Tebas.</i>	<i>Erro! Indicador não definido. 21</i>
<i>Figura 14 -Figura que faz referencia aos deuses egipcios.</i>	<i>21</i>
<i>Figura 15 - A Noite Estrelada (1889), óleo sobre tela, 73 x 92 cm. Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMa).</i>	<i>22</i>
<i>Figura 16- figura que faz referencia a noite estrelada.</i>	<i>22</i>
<i>Figura 17 - O Grito (1893), de Edvard Munch.....</i>	<i>22</i>
<i>Figura 18 -figura que faz referencia ao Grito</i>	<i>22</i>
<i>Figura 19 - Autorretrato (1907) de Pablo Picasso. Milão, Itália – 10 de dezembro de 2018: Autorretrato de Pablo Picasso em selo postal</i>	<i>23</i>
<i>Figura 20 - figura que faz referencia a Picasso.....</i>	<i>23</i>
<i>Figura 21 - Cena do livro no estilo Surrealismo, citando claramente (para quem conhece) Salvador Dali com seu <u>biquê e seus trabalhos de elefantes e estruturas com pernas finas que parecem muletas</u>.</i>	<i>23.</i>
<i>Figura 22 - Vinte Marilyns. Impressão. Andy Warhol. https://arteeartistas.com.br/marilyns-de-andy-warhol/.</i>	<i>24</i>
<i>Figura 23 Figura do livro que faz referencia ao trabalho de Warhol "Vinte Marilyn"s.</i>	<i>24</i>
<i>Figura 24 - Um dos estilos adotados no livro, as divisões quadrinhos e a cor sombria. O ilustrador se representa no livro ou faz algo muito parecido com ele.....</i>	<i>24</i>
<i>Figura 25 - Capa do livro "Visitando um museu".....</i>	<i>25</i>
<i>Figura 26 - parte do livro em que mostra a página menor, as 2 linhas se encaixam para dar continuidade às 2 imagens.</i>	<i>26</i>
<i>Figura 27 - Página dupla do livro com orelhas para abrir e observar o dentro e o fora do museu – na imagem temos uma aba fechada e outra aberta.</i>	<i>26</i>

<i>Figura 28 - Capa do livro “Viagem para outros tempos”.....</i>	<i>26</i>
<i>Figura 29 - Imagem de como são as páginas com capítulos do livro e no caso da figura acima uma delas com atividade.....</i>	<i>28</i>
<i>Figura 30 - Imagem do livro com exemplo das palavras grifadas e a caixa explicativa.....</i>	<i>28</i>
<i>Figura 31 - Mapa no pôs texto mostrando alguns museus no Brasil e no mundo.....</i>	<i>29</i>
<i>Figura 32 - Capa do livro: Maior Museu do Mundo.....</i>	<i>29</i>
<i>Figura 33 - Imagem da capa 3, continuação da capa 2 representando localização geográfica.</i>	<i>30</i>
<i>Figura 34 - Personagem se relacionando com as obras do museu e suas referências.</i>	<i>30</i>
<i>Figura 35 - Final do livro Coisas que pode pegar e coisas que não podem do autor/Ilustrador Ivo Mikovicius.</i>	<i>Erro!</i>
<i>Indicador não definido.</i>	

INTRODUÇÃO

Há muitas definições registradas do que seja patrimônio. Podemos citar, por exemplo, a definição de patrimônio histórico e artístico nacional constante no Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, como sendo “o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”.

Mas o que é patrimônio para esta autora?



O que seria patrimônio para você?

Numa linguagem simples:

Patrimônio seria tudo aquilo que você tem vontade de guardar num lugar especial, para nunca mais esquecer.

Pode ser momento, pode ser visão pode ser tato, cheiro ou paladar.

Pode ser sentimento, pode ser objeto ou pode ser difícil de explicar!

É memória e é arte.

Muita coisa dele pode fazer parte.

Laura de Oliveira¹

Esse foi um trecho do texto elaborado por mim, em um trabalho sobre patrimônio apresentado em um grupo na Secretaria de Cultura do DF, a pedido da Subsecretaria de Patrimônio Cultural (SUPAC), setor no qual eu era ligada diretamente. A SUPAC é vinculada à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, responsável pela elaboração e execução da política do Patrimônio Cultural no Distrito Federal, no âmbito de atuação da Cultura. Seu escopo de atuação abrange a identificação, reconhecimento, pesquisa, documentação, preservação/salvaguarda, monitoramento, promoção e valorização do patrimônio cultural distrital. Neste sentido, elaboramos muitos conteúdos acerca da divulgação e promoção do patrimônio histórico e cultural distrital.

¹ Trata-se de um fragmento do texto “**Uma viagem pelo Distrito Federal** (arte e patrimônio)

– Os (nossos) lugares na cidade”

Acerca do trabalho anteriormente citado sobre o patrimônio podemos citar um olhar sobre o livro.

Um livro, por exemplo, quando fechado é um objeto como outro qualquer que você porta. Porém, ao ser aberto, sua leitura afeta cada pessoa que o lê de maneira diferente.

O livro não existe somente enquanto página, objeto. É algo que traz afeto. Existe enquanto conteúdo imagético e textual. E sua interpretação é individual, não precisa ser de todos igual. (DA AUTORA).

Na verdade, tudo que existe somente ganha sentido quando visto por alguém (no caso humano). É este indivíduo que dá sentido e denomina as coisas que vê, criando uma relação entre elas. É assim que se forma a memória, as culturas e a história, ou seja, o patrimônio cultural. Ele é composto tanto pelo material (aquilo que podemos pegar ver e sentir; a materialidade) e o imaterial (o sentido e a representação individual do material, o valor/significado que ele possui para cada um).

Para entendermos melhor o porquê da escolha do tema, temos que ver quem está nos bastidores da escrita. Cabe este relato de experiência.

Me chamo Laura, sou mineira e cresci em uma cidadezinha do interior, sem museus, cinema ou galerias. Descobri que desenho também podia ser uma profissão vendo um programa que passava na televisão nos anos 90. Desde então, decidi que queria ser ilustradora: desenhar. A pintura que mais considerava e conhecia era a renascentista, aquela realista e mais trabalhada, que exige técnica. Passei na faculdade de artes visuais e lá dentro diziam que a arte era diferente de ilustração. Fui entendendo que tudo era um processo, ampliando meus gostos artísticos, entendi e passei a apreciar também a arte contemporânea.

Durante o 2º período da faculdade, uma professora os alunos da turma que tivessem interesse a serem voluntários no museu da universidade para suprir uma demanda daquele momento. Me candidatei à vaga de estágio e aquela pessoa que nunca tinha entrado num museu e mal falava em público passou à monitora de exposição. Gostei tanto, que em seguida, me tornei monitora na matéria de desenho gráfico, inclusive recebendo bolsa por um tempo. E novamente, aquela pessoa que queria apenas o desenho/pintura como prática descobriu a função de ensinar, ser

monitora de museus e acabou fazendo licenciatura e bacharelado em Artes Plásticas na área bidimensional (desenho, gravura e pintura).

Após cursar Arte Moderna e Contemporânea, não tinha interesse por arquitetura, em geral, ou esculturas religiosas. Ainda assim, fiz o curso técnico em conservação e restauro em Ouro Preto, após a formação em Artes. O objetivo era aprender a parte teórica que havia sido pouco explorada durante a faculdade. E, novamente, me apaixonei por algo novo: o universo do patrimônio cultural e artístico. Minha visão mudou muito em relação a arquitetura e escultura sacra. Passando a vê-las com outros olhos e deixei de lado meus pré-conceitos. À medida em que aprendia mais sobre o tempo, passei a avaliar e trabalhar melhor com aquele material. É importante se desprender do conhecimento raso acerca de um tema.

Com relação aos livros, sempre gostei de tê-los por perto. Cresci com eles, ainda que muitos de composição física mais simples. Se resumiam apenas a capa dura ou mole com miolo comum. O mais diferente que cheguei a ter foi um livro de banho de plástico ou o livro “Dentro da Gente” da editora Grow de autoria de Stella Carr² sobre o corpo humano confeccionado em “faca especial”³ na capa apresentando os ossos, músculos e órgãos internos, ainda com o livro fechado.

Na faculdade, cheguei a ter contato com os livros de artista, mas pensava que aquela linguagem se restringia aquela área acadêmica e que estava isolada do restante. Durante a pandemia pude conhecer a materialidade do livro como um todo. Percebi os diversos tipos de livro: sanfona, túnel, pop-up, em tiras, redondos, compridos, com aberturas e cortes diferentes. As várias possibilidades de trabalho com a física do livro me encantou. Por fim, em 2023, sai da sede da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, onde trabalhava e passei a trabalhar em uma biblioteca da mesma secretaria. Meu trabalho se divide entre atendimento ao público no espaço infantil e conservação e restauro, na administração interna da biblioteca.

Toda essa experiência gerou em mim uma inquietação pessoal. Percebi ao longo da minha trajetória profissional uma dificuldade das pessoas, ainda que estudem arte e patrimônio, em perceber a dimensão do que essa temática

² CARR, Stella. Dentro da Gente. 3. ed. São Paulo: Grow, 1988.

³ Faca especial é um tipo de corte vazado, no caso do livro, corte interno do corpo para mostrar o formato dos órgãos apresentados.

representava. Me recordo de uma *live*, apresentada entre 2020 e 2021. Era o período a pandemia, estávamos em isolamento social e ocorriam vários eventos online. Na *live* um professor de História (ciência que estuda amplamente o patrimônio) escreveu que saía de sua cidade no interior de Goiás, em Catalão, acompanhado de seus alunos com destino às cidades próximas e maiores: Goiânia, a capital do estado de Goiás – a 261 km dali - e Uberlândia, cidade do Triângulo Mineiro – a 109,1 km do local. O professor falava em “mostrar o que era patrimônio”, valorizando a ideia de patrimônio como aquilo que é legitimado e consagrado por um grupo. Toda cidade, por menor que seja, possui seu patrimônio. E o professor parecia desconhecer a cultura existente em sua cidade. Eu me recordo de quando o ônibus fazia e continua fazendo uma parada em Catalão e eu ficava admirando a construção (na época inacabada) da igreja em frente ao posto e ficava pensando em tantas outras coisas que a cidade devesse possuir.

Capítulo 1: Reflexões sobre a ideia de patrimônio, museus e artes

Serão apresentados neste capítulo alguns conceitos que desenvolvi ao longo dos estudos sobre patrimônio, museus, arte e livros.

Patrimônio pode ser entendido como a nossa cultura e identidade. Este patrimônio pode ser individual, de cada um, de um local, de um povo ou universal. Ainda que o estudo se concentre no patrimônio tombado, ou seja, aquele que é registrado no livro de tombamento da instituição, além de (re)conhecido como pertencente a todos ou universalizado, em geral, não quer dizer que esta seja uma verdade absoluta, uma vez que poucos podem o considerar como tal.

As **Artes**, principalmente nas artes **plásticas e visuais**, muitos critérios de definição do que possa ser considerado arte não são tão simples e fáceis de explicar. As artes, assim como seus padrões e critérios de classificação foram se transformando ao longo do tempo e com isso, foram criadas diferentes categorias para sua fruição, não se misturando com a definição de artesanato, ilustrações e quadrinhos, por exemplo. Estas linguagens, muitas vezes, são mais simples no seu fazer e diretas quanto ao que querem expressar. Já as Artes podem criar uma bolha ao seu redor, uma aura iluminada, sendo constantemente vistas com grandiosidade, algo que não pode ser alcançado, que deve ser para poucos como alguns livros teóricos e livros especialistas que feitos em pouca tiragem. Da modernidade à contemporaneidade houve uma evolução do fazer arte no sentido de se desprender do excesso de técnica e, se conectar com o próprio conceito do que está sendo produzido. No fim, o objetivo é estar mais acessível a todos.

Na área dos **livros**, alguns artistas vêm quebrando essa barreira, explorando meios tornar as artes mais acessíveis. Estes artistas exploram ilustrações, usando a arte na confecção física do livro, nas aquarelas, pinturas e outras técnicas tendo no livro o seu suporte – como um quadro. São livros de histórias, livros ilustrados e outros tipos. Professores de educação básica querem apresentar as artes em suas diversas manifestações para seus alunos usando tanto trabalhos artísticos como livros que se tornam pontes entre a arte e a infância.

Os **livros** podem ser utilizados como suporte para a arte e estar mais acessível do que outras manifestações de artes e museus. Livros infantis ilustrados podem atingir um público maior por serem mais acessíveis, mas enfrentam a barreira dos altos custos de produção, impressão, material, produção dos profissionais etc. A desvalorização das profissões de ilustração pode remeter a tempos em que a leitura, alfabetização e acesso a livros era reservada a poucos. Falamos de antigamente, mas ainda existem pessoas que não sabem ler ou escrever. Além disso, há que se pensar nas pessoas com vários níveis de deficiência visuais numa época em que tudo é imagem e ainda há pouco material produzido e adaptado para elas, isso pode causar um distanciamento. Sendo assim, devemos pensar no aumento da produção de livros com acessibilidade, ampliando o alcance das artes que vem sendo produzidas naquele suporte.

Os **Museus** podem ser tanto físicos como virtuais. Estes locais guardam grande parte do nosso patrimônio, nossas memórias e histórias. Embora muitas coleções tenham sido formadas de maneira não licita, mas, ainda assim, ajudam a contribuir para preservação da memória. Uma prática que precisa ser repensada é a instalação de museus em espaços pouco acessíveis para a maioria da população. São locais de difícil acesso, muitas vezes que necessitam de carro para deslocamento aumentando ainda mais a ideia de segregação no acesso ao conteúdo museológico.

Muitos acreditam que museus, principalmente os tradicionais, possuem obras muito valiosas e ditas como chiques, não sendo locais próprios para todas as pessoas devido ao seu conteúdo. E sim, eles são feitos para grupos específicos. Estes grupos seriam pessoas interessadas na temática, com curiosidade e interesse próprio para aprender. Isso ocorre porque os museus não conseguem abordar todos os assuntos existentes, sendo assim, fazem uma seleção de conteúdo, se dividindo em categorias, porém são feitos para todos os níveis de conhecimento e classes sociais). Segundo o ICOM (*International Council of Museums* ou Conselho Internacional de Museus), a nova definição de museu elaborada em 24 de agosto de 2022 em Praga numa conferência:

Instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades,

os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos.

A revista “Dasartes” reportou em 14 de novembro de 2024 que “a música tem o poder de ser uma ponte para a arte, tornando o acesso cultural mais democrático e inclusivo.” A reportagem apresenta o projeto que une obras de arte e música para democratizar a visitação em Museus no Brasil.

“No Brasil, o consumo cultural apresenta um contraste marcante: enquanto 82% da população tem o hábito de ouvir música, tornando-a a principal forma de expressão cultural consumida no país, cerca de 70% dos brasileiros nunca visitaram um museu”. (Dasartes, 2024). Estes são dados da Pesquisa da Fundação Itaú “Hábitos Culturais”. A terceira onda da pesquisa Hábitos Culturais que objetiva apresentar a perspectiva dos brasileiros sobre a relação da cultura com a fase de formação escolar informa que “93% das pessoas dizem que atividades culturais influenciam na frequência escolar”.

É um verdadeiro círculo virtuoso. Este é o papel da intermedialidade proporcionar uma experiência divertida conectando pessoas através de mídias aparentemente diferentes para ampliar conhecimentos e é isso que tenta e quer ser mostrado ao longo deste trabalho, utilizando outro tipo de intermídia, no caso, a conexão é entre livro e arte ou museus.

Em suma, todos os quatro temas abordados (patrimônio, museus, artes e livro), em algum momento, se veem e são vistos como algo sacralizado e para poucos, ao mesmo tempo, que querem ser acessíveis e atingir uma quantidade de público cada vez maior e de diversas classes sem distinção. O dilema do Paradoxo, do ser ou não ser.

Todos estes temas embora pareçam estar isolados entre si, foram tratados individualmente para que agora, se unam através de um fio condutor: os assuntos tratados nos livros; como o livro narrativo, tudo cabe como conteúdo, ele também pode contar uma história. Ser o veículo para levar a arte aos seus leitores de maneira leve, falar de museus assim como de nosso patrimônio e ser divertido ao mesmo tempo. Fazer com que seus leitores mesmo que de maneira inconsciente, tenham acesso a estes temas e busquem saber mais sobre eles.

Quadro gráfico sobre os temas aqui abordados:

Pensando no tema/palavras chaves deste trabalho: **Arte, livro e Museu** qual seria a função destas 3 palavras diante do conteúdo desta especialização **criação – mediação – circulação.**

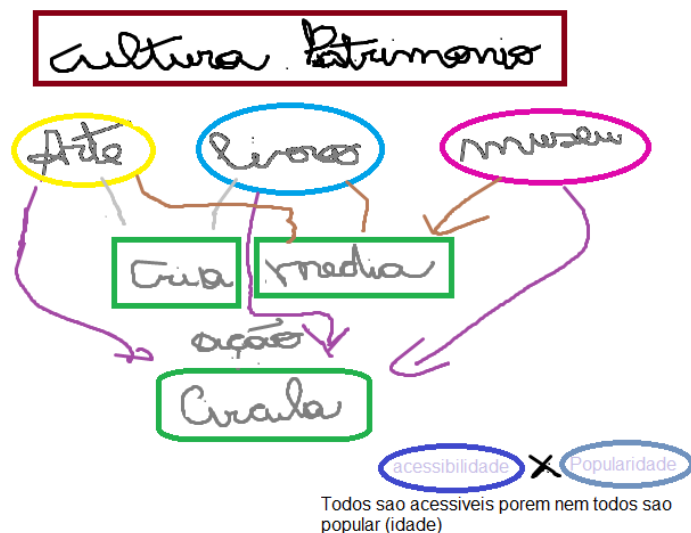


Figura 1 - Gráfico com as 3 palavras chaves do trabalho.

A arte e o livro produzem matéria-prima ao mesmo tempo em que fazem com que ela circule e realizam a mediação entre outros setores. Já o Museu não produz objetos, apenas pega a matéria pronta fazendo-a circular e mediando-a entre setores de acordo com o assunto tratado. Todos estes criadores, mediadores e circuladores podem se encontrar de algum modo, inseridos na cultura e patrimônio de uma sociedade.

Mas afinal, o que realmente é **intermedialidade**? Segundo Wikipédia,

Intermedialidade é o estudo da relação entre as artes e as mídias, ou seja, interação e combinação entre as diferentes mídias. Quando se fala em mídias, devemos pensar não somente em cinema, fotografia, rádio, jornal e TV, mas também em literatura e artes. As mídias se contaminam e geram novos discursos, que vão além da capacidade expressiva de um só meio.

Exemplo relacionado a este trabalho:

As referências intermediárias em livros, como ao teatro ou à pintura.

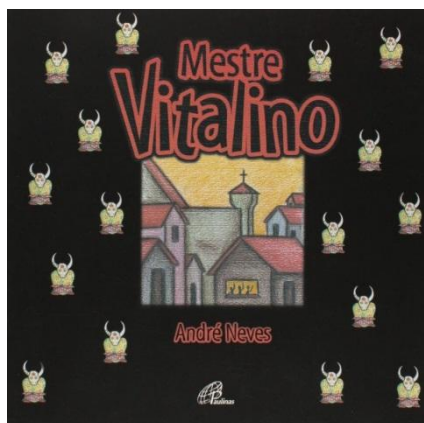
Capítulo 2: Análise dos livros escolhidos sobre cada assunto

Neste capítulo serão apresentadas análises de conteúdo de livros selecionados que possam relacionar a intermedialidade na literatura com a arte, museu e patrimônio: 2 livros deles tem como temática as artes sendo um de autoria brasileira e outro traduzido e 3 livros são sobre museus: dois brasileiros e o outro traduzido. Foram seleções a partir da proposta de estudo de criação, mediação e circulação. Meus critérios de seleção foram livros mais curtos, que apresentassem uma diversidade de materialidade, autores e linguagens. Que não fossem apenas livros jogos ou de releituras, eles deveriam estar contextualizados.

A maioria dos livros analisados eu possuía em meu acervo e a escolha aconteceu de 3 maneiras: A 1ª ocorreu naturalmente; buscando releituras de arte. Pessoalmente para mim é gostoso ver a interpretação de outros artistas em relação a uma obra de arte; A 2ª maneira foi buscando livros e ver modos de como falar de arte e museus de modo acessível, que atraísse as pessoas leigas, ou seja, como falar de arte já que os livros que adquiria antes eram mais teóricos, não se envolvia literatura informal de história contada; A 3ª maneira foi através de recomendações em aulas (a) ou no trabalho de biblioteca (b). Os números entre parênteses são a enumeração destes modos.

Análise dos livros:

Livro 1 - Mestre Vitalino



Livro escrito e ilustrado por **André Neves** – 8. ed. – São Paulo: Paulinas, 2013. – (Coleção Nordestinamente). 24 p. 20 x 20 cm.

Figura 2 - Livro imagem - Mestre Vitalino. 2013. (capa)

Este é um livro-imagem⁴ em texto e imagens. E todo feito em lápis de cor, onde o texto escrito aparece apenas duas vezes: a primeira no título e a segunda, no verso da falsa folha de rosto. Nesta, é apresentado em formato de chapéu de cangaceiro, lembrando a bandeira de Pernambuco, com uma pequena introdução sobre o artista, mestre Vitalino, a cidade onde nasceu e o que ele retrata.

Essa parte escrita poderia estar no final do livro como posfácio ou nota de rodapé, uma vez que as imagens por si só já são bem expressivas, com uma narrativa forte na história. A informação sobre o artista, já de início, de certa forma induz a leitura interpretativa do leitor em relação ao que se observa. Penso que manter a curiosidade sobre a fonte das obras até o final do livro traria mais significados para a conexão com o artista.

A história já começa a ser contada na capa e na folha de rosto, que mostram as três personagens principais na janela. Observa-se que elas também estão no livro Secas, que faz parte da Coleção Nordestinamente. Na imagem acima, na janela com fundo amarelo, três personagens acenam (fig.2).

A capa do livro é composta por ícones⁵ de boi-bumbá e no centro uma ilustração de casarios com 3 silhuetas de pessoas acenando. Na página inicial, surge uma família de retirantes andando em fila, ampliada pela integração das três crianças nas cenas seguintes, sugerindo que acompanham os próprios pais.

No correr do enredo, as três param, olham um grupo de festejo (trio de músicos e boi-bumbá) que os vem acompanhando e se divertem com eles. A seguir dão adeus, ficam para trás e sobem em algo. Vê-se que é uma janela, a partir da qual olham para os personagens do festejo, os quais aparecem agora no parapeito como brinquedos feitos de pequenas esculturas do mestre Vitalino. As crianças acenam para o leitor. Na última página, ao lado do cólofon⁶, elas também são transformadas em um trio de peça de barro. Percebemos então que é um livro cíclico começando já na capa.

⁴ Livros-imagem são livros nos quais a imagem predomina em relação ao texto que são mínimos ou estão ocultos criando uma narrativa no virar de páginas e fazendo com que o leitor tenha uma interpretação mais aberta em relação ao que “leu”, porque as imagens são lidas de forma mais subjetiva.

⁵ **Ícone:** imagem única e pequena, de centímetros que ocupa uma porção de espaço na página.

⁶ Referência/informações adicionais sobre o livro presente na última página parte inferior.

Este livro, apenas com imagens, consegue falar sobre cultura, patrimônio e arte brasileira. É muito poético. Mestre Vitalino usa como técnica a argila e/ou cerâmica cru/pintado para criar suas esculturas e mostrar o cotidiano. Geralmente representa pessoas em grupos, que se relacionam com a música e a dança ou com os simples afazeres domésticos e tradicionais do sertão pernambucano, como a criação de gado e a busca da água para matar a sede. Suas peças são reconhecidas e famosas tanto no Brasil quanto mundialmente.

Como este texto se encaixa no tema abordado? Partindo de um conjunto de obra do mestre Vitalino, André Neves cria uma narrativa e nos engana com o final, fazendo questionar o que é real e o que é imaginário no livro. As crianças personagens do livro veem o trabalho de Mestre Vitalino (que se tornou ícone da cultura nordestina) e se identificam com ele. Estas peças, ao mesmo tempo que são esculturas, podem ser e se tornam brinquedo, objeto decorativo e objeto artístico.

Começamos vendo aqueles retirantes no livro e acreditamos, à primeira vista, que é uma representação da realidade. No final, ficamos em dúvida, se aquela cena realmente aconteceu, e as crianças participaram da mesma, ou se tudo foi fruto da imaginação infantil, enquanto brincadeira destas crianças que olham para as esculturas expostas na janela.

Certo é que o livro faz referência ao trabalho do mestre Vitalino. Mesmo não usando o trabalho original, e sim uma interpretação, o autor intitulou o livro com o nome do artista e representou a obra dele. Então leitores que nunca ouviram falar neste nome, podem procurá-lo, curiosos pelo título ou pelas imagens que aparecem no decorrer do livro. O trabalho mexe com o imaginário popular. Mestre Vitalino é considerado “um dos maiores artistas da história da arte do barro no Brasil (...) Vitalino foi responsável por uma arte simples que encantou o mundo e o tornou famoso. Arte que os especialistas decidiram batizar como arte figurativa.” (Frazão, 2020). Além disso, as esculturas do artista podem ser encontradas tanto em feiras, casas, como em museus e centros culturais. O artista fez seu nome e criou um produto marcante.

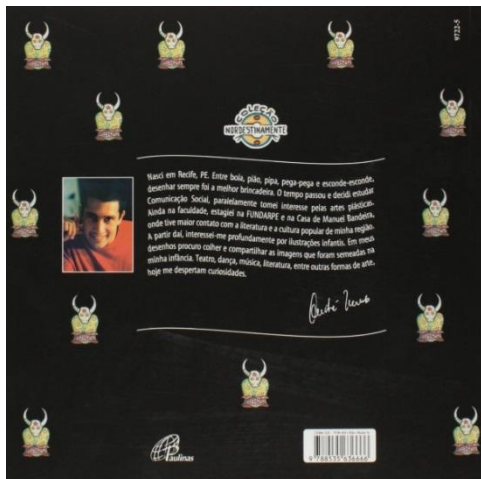


Figura 3 - Livro imagem - Mestre Vitalino. 2013. (contracapa)



Figura 4 - Mestre Vitalino.

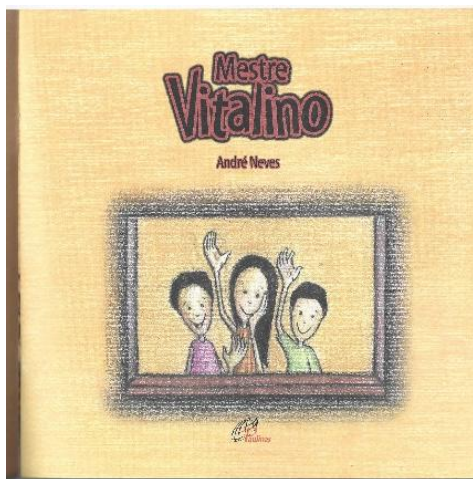


Figura 5 – Livro Mestre Vitalino. 2013. Folha de rosto com o detalhe da janela de onde pessoas acenavam.

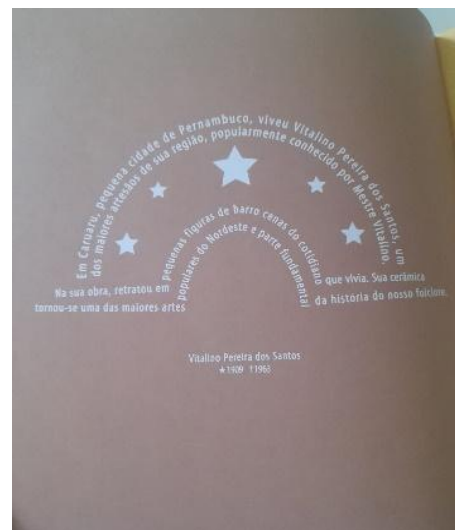


Figura 6 – Livro Mestre Vitalino. 2013. Única página do livro com texto. Verso da folha de rosto

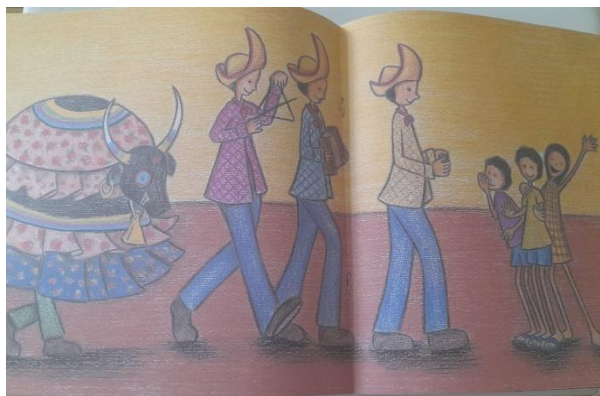


Figura 3 – Livro Mestre Vitalino. 2013. Cena do livro na qual as crianças ficaram para trás para ver o cortejo.

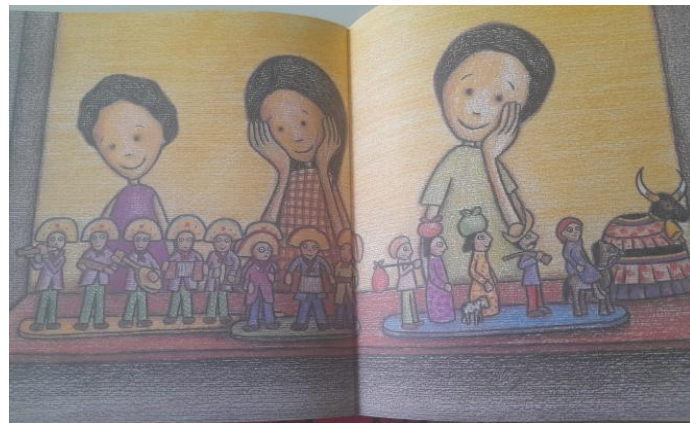


Figura 8 - Livro Mestre Vitalino. 2013. Cena das crianças com as miniaturas.

Livro 2 - Manu pintora de sonhos



Figura 9 - Capa do livro Manu: Pintora de Sonhos e que faz Capa do livro com a imagem que faz referência a Monalisa de Leonardo Da Vinci.

Livro escrito por Fabian Sevilla, ilustrado por Juan Chavetta e traduzido por Janice Florido. 1. ed. Campinas, SP: Saber e Ler, 2017. 64 p. il.; 22cm.

O Livro “Manu, pintora de sonhos” possui texto e imagem. Tem como personagem principal a personagem Manu e seus colegas incluindo um monstro - a Cuca -; usa a técnica digital e um pouco da linguagem dos quadrinhos na organização da história na página. O livro tem 63 páginas, de formato retangular, de capa flexível.

A história começa com Manu jogando amarelinha com duas amigas e Manu jogando amarelinha com duas amigas e fazendo uma comparação entre o jogo e o ato de sonhar. Então passam a comentar sobre sonhos e pesadelos até que a personagem descobre que sonhos podem ser coloridos. Ela fica intrigada porque apesar de os seus serem maravilhosos, sonha em preto e branco. Em busca de respostas, Manu passa a ter insônias tentando pôr em prática vários planos para colori-los. Utilizando de cores, começa a pintar a parede com as três primárias: amarelo, azul e vermelho. Depois de muitas tentativas frustradas se sente triste, mas sua avó percebe e a consola, dizendo que o importante é sonhar. Então, Manu afirma sonhar muito acordada e as imagens do livro começam a apresentar referências de obras famosas. Isso porque a personagem diz que na arte somos livres para sonhar e ser como quiser, podendo até mudar as cores da realidade;

explicando assim de onde vem o título do livro: “Manu pintora de sonhos”. Ela descobre a arte e deseja ser artista.

O livro em si tem uma linguagem/aparência onírica surrealista e utiliza obras de arte adaptadas para a história, porém não faz menção ou referência textual das obras/artistas utilizados. Apenas uma vez, é citado um nome, mas que aqui no Brasil não é famoso e nem tem muito a ver, por isso passou batido da primeira vez: Quinquela Martin (pintor argentino), cita também o nome da banda Ramones e o estilo de música tocado por deles. Referências que deveriam ter sido feitas, mas não foram.

1. **“Monalisa”** de Leonardo da Vinci: quadro referência da qual é feita e que aparece na capa e no interior do livro (fig.9)



Figura 10 - Mona Lisa (em italiano, La Gioconda), foi pintada em 1503 e exibe uma misteriosa feição (no livro Manu Pintora de Sonhos).

2. Colagens de Matisse (obra Jazz)



Figura 11

<https://www.guiadasartes.com.br/>

henri-matisse---jazz-2017-04-12



Figura 12 Referência a Matisse no livro

3. Imagens de influência romanas e egípcias uma delas sendo o Deus canino Anúbis e o Deus falcão Hórus.



Figura 13 - Pintura no Templo de Tebas.



Figura 14 Manu e a referência ao Egito

4. “Noite Estrelada” de Van Gogh,



Figura 15 - A Noite Estrelada (1889), óleo sobre tela, 73 x 92 cm. Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMa).



Figura 16 Imagem do livro referente a Van Gogh

5. “O Grito” de Edvard Munch

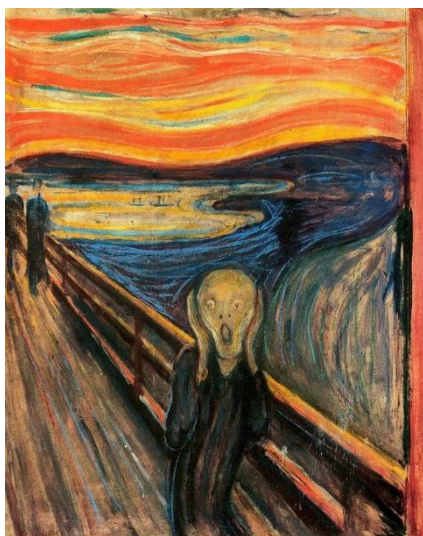


Figura 17 - O Grito (1893), de Edvard Munch.



Figura 18 Manu referência ao quadro “Grito” de Munch

6 A personagem Manu representada em estilo cubista.

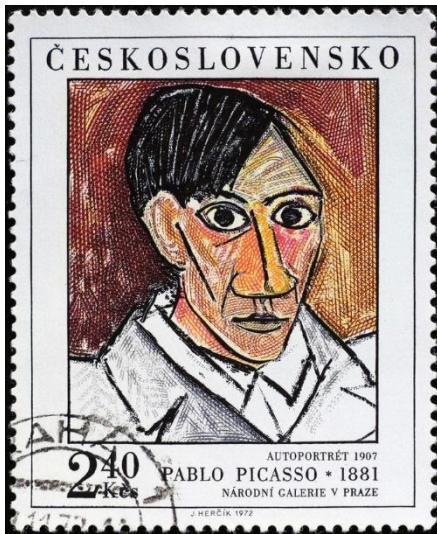


Figura 19 - Autorretrato (1907) de Pablo Picasso. Milão, Itália – 10 de dezembro de 2018: Autorretrato de Pablo Picasso em selo postal.



Figura 20 Imagem do livro inspirada no Cubismo de Picasso.

- 7 O surrealismo de Dali (a obra mais próxima seria tentação de Santo Antônio embora em outras obras o artista use essas pernas altas e finas como estrutura de animais pesados) Manu e Cuca fazem uma sutil referência aos bigodes de Salvador Dali, símbolo pelo qual o artista se tornou famoso.



Figura 21 - Cena do livro no estilo Surrealismo, citando claramente (para quem conhece) Salvador Dali com seu bigode e seus trabalhos de elefantes e estruturas com pernas finas que parecem muletas.

- 8 Terminando com um quadro no qual Manu se replica de forma seriada e colorida, fazendo alusão ao trabalho de Andy Warhol e À Pop Art americana.



Figura 22 - Vinte Marylins. Impressão. Andy Warhol. <https://arteeartistas.com.br/marilyns-de-andy-warhol/>.



Figura 23 – Imagem de Manu em referência a Warhol

- 9 Parte do livro diagramado e fazendo referência ao estilo em quadrinho.



Figura 24 - Um dos estilos adotados no livro, as divisões quadrinhos e a cor sombria. O ilustrador se representa no livro ou faz algo muito parecido com ele.

Livro 3 - Visitando um museu



Figura 25 - Capa do livro "Visitando um museu".

Texto de Florence Ducatteau; ilustrações de Chantal Peten; tradução Arthur Diego van der Geest. 1. ed São Paulo: Brinque Book Saber, 2011. 28 p. (Coleção Descobrimos o Entretenimento).

O livro é de capa flexível, feito em lápis de cor e a ilustração da 1ª capa simula as 4 paredes de um museu, pois os 4 personagens apresentados observam suas laterais como se olhassem para obras que não ainda não estão sendo mostradas. Dentre suas 26 páginas internas, possui 3 folhas de tamanhos diferentes das demais sendo 1 delas menor, na qual as ilustrações encaixam exatamente na ilustração da folha seguinte quando folheada e 1 página dupla com abas do mesmo tamanho que, ao abrirem observamos a parte de dentro de um museu formando uma página quadrupla, as páginas que seriam de guarda são pintadas em aquarela líquida remetendo a arte e a folha de rosto mostra 2 crianças abraçadas que na página seguinte é parte da imagem de um quadro mostrado no quarto onde estão os personagens principais brincando.

Ao longo da história, é cheio de balões de curiosidades sobre museus, é dividido em títulos temáticos. Ele começa com dois irmãos que estão desenhando e fazendo sua arte e vão visitar um museu com seus avós no dia seguinte. O texto direto e é mais didático. Na verdade, usa os personagens como subterfúgio para falar sobre o museu e suas partes – entrada do museu, guarda-volume, lojinha, coleção permanente e temporária. Neste museu existe café, sala interativa de vídeo, fala sobre a função dos funcionários. É citado um museu famoso e que locais podem ser transformados em museus, isso para falar dos tipos de museus que existe terminando com as crianças montando seus próprios museus com seus pertences e recomendando os leitores fazerem o mesmo. Ao reler o texto, percebe-se claramente um enredo que conecte o título ao texto, sendo mais explicativo sobre o universo museal do que contendo uma história literária para introduzir o assunto.



Figura 26 - parte do livro em que mostra a página menor, as 2 linhas se encaixam para dar continuidade às 2 imagens.

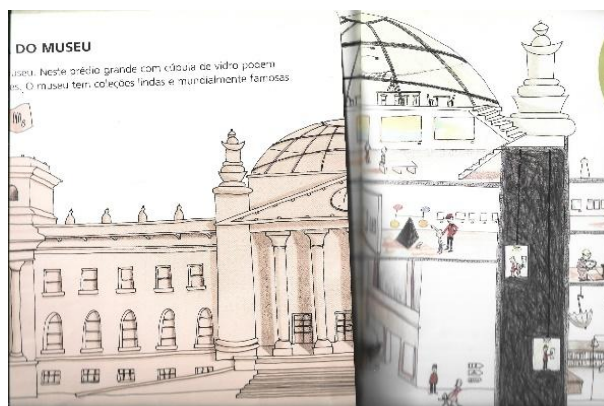


Figura 27 - Página dupla do livro com orelhas para abrir e observar o dentro e o fora do museu – na imagem temos uma aba fechada e outra aberta.

Livro 4 - Viagem para outros tempos: um museu sem moldura



Figura 48 - Capa do livro “Viagem para outros tempos”.

Escrito por Benedito Mouzar e ilustrações de Daniel Almeida. 2. ed. São Paulo: Liz editora, 2016. 58 p. 21 cm.

O livro possui capa flexível e formato quadro. Nos apresenta um ambiente fechado no qual o título e subtítulo se encontram emoldurados (uma ironia ao título – museu sem molduras) como se fosse um quadro torto personagem o alinha e o leitor parece fazer parte do local. Abaixo dele, vários objetos antigos. Assim como o livro “Visitando Museu”, “Viagem para outros tempos” conta com caixas de glossário ao longo do texto, contudo há uma história contextualizada com o assunto. De todos os livros, este é o que mais contém textos, tanto que é dividido em capítulos e estes são ilustrados em página dupla. O livro mostra a diversidade dos personagens tanto em idade quanto em físico incluindo um negro e um cadeirante.

Seis crianças amigas que moram no mesmo bairro observam um professor de aparência estranha, já idoso, que comprou um prédio abandonado e grande demais

para que apenas ele e sua mulher fossem morar. Os amigos começam a imaginar se o excêntrico morador é doido e o que ele faz, devido a movimentação que veem acontecer no local.

Certo dia, chega no prédio o filho do professor com sua mulher e suas três crianças, que vão aproximar desses curiosos e matar a curiosidade deles. Os netos do professor ouvem os amigos e acham graça de tudo o que é falado sobre seu avô. Entrando na brincadeira, apenas os convida para conhecer o local, o que aumenta mais a especulação dos fatos e desperta também um pouco de medo nos convidados.

Ao se encontrarem com o tal professor, ele também passa um pouco de medo e mistério nas crianças ao fazer surpresa quanto ao local que vai ser mostrado para elas. Estas tiveram tamanha expectativa que, no primeiro momento em que entraram na sala cheia de objetos se decepcionaram; no entanto, logo depois começaram a perguntar sobre o que viam. Muitos dos objetos eram antigos e desconhecidos, e, nesse momento, descobrem um outro mundo e origem de algumas palavras, tais como mirreis, que se referia a “merreca” devido à desvalorização do dinheiro.

Percebem que existem diferentes tipos de museu, uma vez que o que o professor quer montar é um museu de objetos antigos da cidade, e não um museu de artes só quadros, como muitos conheciam, ou um museu específico de alguma categoria tipo um Museu do Índio, como eles mesmo disseram haver vários pelo Brasil. Citam também museus específicos de algumas regiões como o Museu do Mar em Santa Catarina, o Museu da Farroupilha no Rio Grande do Sul. Ao longo do texto, descobrem que cada objeto pode contar uma história, de acordo com suas origens e significado, que um museu não é estático, como muitos acham; pelo contrário, está em constante movimento.

As crianças conhecem a profissão de museólogo e o que seria a museologia, tudo contextualizado ao longo do texto através do que vai sendo descoberto dentro do local. Ao partirem, as crianças saem encantadas, na expectativa de verem o museu pronto e de que seus pais e outras pessoas contribuam para a formação da coleção. “_ *As coisas boas da vida devem ser compartilhadas, quer dizer, estendidas para os outros. (...) Sentimos que estamos contribuindo para melhorar (...)*” p. 34.

Nas páginas seguintes, o livro conta com a fala de um famoso museólogo brasileiro da atualidade: Mario Chagas⁷ e atividades, mapas, glossários relacionados ao museu.

Ao contrário do livro anterior, este se mostra mais cativante pois ele não entrega o conteúdo de uma vez ou de forma direta, existe um mistério e toda uma história por trás que quer ser mostrado fazendo com que o leitor se envolva. Mesmo que o objetivo dele seja ensinar sobre museu, isto é mostrada de forma mais leve e não direta e conteudista. Há jogos e atividades práticas no livro para serem aprendidas, sim, mas elas estão conectadas a história não foram jogadas. No caso, o leitor aprende lendo o texto para depois se divertir ou pôr em pratica o que foi ensinado. Outra coisa importante é a representatividade dos corpos, único livro que mostra essa diversidade.

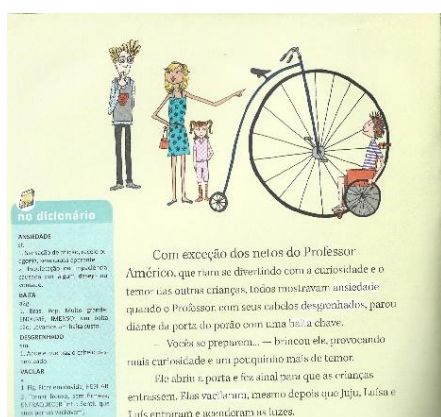


Figura 29 - Imagem do livro com exemplo das palavras grifadas e a caixa explicativa



Figura 30 - Imagem de como são as páginas com capítulos do livro e no caso da figura acima uma delas com atividade.

⁷ Poeta, museólogo, professor, cientista social e letrista. Um dos responsáveis pela Política Nacional de Museus (lançada em 2003) e um dos criadores do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), do Cadastro Nacional de Museus (CNM), do Programa Pontos de Memória, do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Fundador da Revista Brasileira de Museus e Museologia - MUSAS e criador do Programa Editorial do IBRAM. Diretor do Museu da República/Ibram, no período de março de 2018 a julho de 2023. Um dos articuladores da vacinação contra Covid-19 no Museu da República (2021 e 2022). Presidente do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), no período de agosto de 2016 a fevereiro de 2023. Tem experiência nacional e internacional no campo da museologia e da museografia, com ênfase na museologia social, nos museus sociais e comunitários, na educação museal e nas práticas sociais de memória, política cultural e patrimônio.

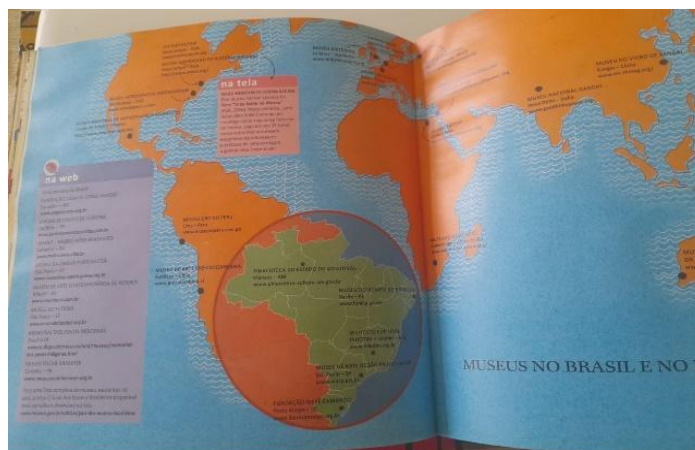


Figura 31 - Mapa no pôs texto mostrando alguns museus no Brasil e no mundo.

Livro 5 - Maior Museu do Mundo (MMM)

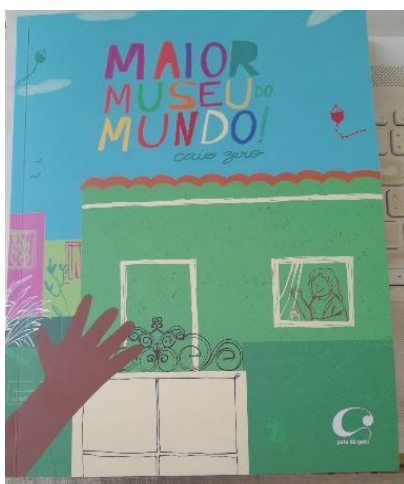


Figura 32 - Capa do livro: Maior Museu do Mundo.

Escrito e ilustrado por Zero, Caio. 1. ed. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2024. 56 p., 20x25 cm.

Capa Flexível, em formato retangular vertical. A história já começa a ser contada no que seriam as guardas do livro (2ª e 3ª capa) onde observamos localizadores geográficos de mapa que formam o caminho percorrido da escola ao museu. O livro “Maior Museu do Mundo” (MMM) que praticamente não possui nenhum texto, nos apresenta a história de uma criança negra periférica que vai ao museu por intermédio da escola. Nesse lugar, ela observa esculturas, quadros e objetos que, à primeira vista, parem estranhos e não representativo. Porém, algo muda seu olhar e ela muda seu modo de ver e ela passa a fazer conexões entre essas obras com pessoas e locais que conhece. Por exemplo, uma escultura de mármore branco, supostamente alguém poderoso, ela vê a imagem de um músico negro conhecido e que o comove. E assim, essas conexões se estendem para as obras restante, observadas ao longo do museu, onde a “Iris” de Van Gogh passa a ser as plantas que ela possui em casa, as esculturas orgânicas de Jean Arp viram os grafites de seus muros.

Ao chegar em casa, suas referências são reconhecidas e mostradas nas cenas. Quando questionada, por sua possível avó e mãe, que também estavam presentes em suas referências, sobre o que aprendeu na escola, ela responde: “-

Descobri que vivo no maior museu do mundo” (a única frase do texto) provando que aquilo que ela viu foi aprendido e ressignificado de uma maneira positiva para ele. Ao contrário do livro “Manu”, Caio referência não somente os desenhos internos do livro como também os externos, presentes na quarta capa.

Segundo palavras do próprio autor, Caio Zero em uma troca de mensagens que tivemos após sua participação em uma das aulas N’a casa tombada: “Como professor, eu tento muito essa valorização e reconhecimento de uma identidade local, isso sempre conta muito sobre a história do indivíduo, os vizinhos e tudo mais. É importantíssimo que eles enxerguem a história pessoal e coletiva como algo a ser valorizado.”



Figura 33 - Personagem se relacionando com as obras do museu e suas referências



Figura 34 - Imagem da capa 4, continuação da capa 3 representando localização geográfica.

Após ler os dois textos de artes e os três textos sobre museu e compará-los entre seus pares, os livros brasileiros aqui apresentados mostram todas as referências artísticas que citam como foi o caso de Mestre Vitalino que tem sua biografia e no livro *Maior Museu do mundo* ao contrário do livro *Manu* que é faz referência diretas a artistas, mas em nenhum momento os cita. Os três textos brasileiros se mostraram mais envolventes e criativos na maneira de apresentar ao leitor o assunto que pretendiam abordar.

Ainda sobre pesquisas dos livros que seriam utilizados neste trabalho, A maioria deles, eu já possuía e o encontro com os mesmos aconteceu de 3 maneiras. A 1ª ocorreu naturalmente; buscando releituras de arte. Pessoalmente para mim é gostoso ver a interpretação de outros artistas em relação a uma obra de arte. A 2ª maneira foi buscando livros e ver modos de como falar de arte e museus de modo

acessível, que atraísse as pessoas leigas, ou seja, como falar de arte já que os livros que adquiria antes eram mais teóricos, não se envolvia literatura informal de história contada. A 3ª maneira foi através de recomendações em aulas (a) ou no trabalho de biblioteca (b). Os números entre parênteses são a enumeração destes modos.

Capítulo 3: Considerações sobre Arte

Juanjo Saez em seu livro “A Arte: conversas imaginarias com a minha mãe” traz muitas falas relacionadas a arte e ao patrimônio que são importantes e corroboram com a linha de pensamento tratada neste trabalho. Juanjo é artista e quadrinista e através de uma situação particular, conversa com sua mãe uma leiga em relação ao fato de ela não ser da área artística o autor consegue expor dúvidas, pensamentos e abordar um conteúdo geral e universal é relacionado a maioria das pessoas que dizem não entender ou gostar de arte e até mesmo pessoas do meio. Uma das falas é:

A arte não está só nos museus. Em porcentagem, nos museus deve haver apenas 10% da arte total do mundo, até menos, embora nesses 10% haja obras-chave e muitas são imprescindíveis...

§Mas também faltam muitas que para os que selecionam os conteúdos dos museus. NÃO CONTAM. Com isso quero dizer que a arte não se limita aos museus e galerias, ela é MUITO MAIS.” (SAEZ, 2013, p. 79).

Refletindo sobre os dizeres do autor: arte não é apenas o que está no museu ou o que é institucionalizado como tal, muita coisa que é feita e não é passada pelo crivo destas pessoas ou não conseguimos acompanhar tudo que é feito e colocar nas instituições e as pessoas têm que entender isso. Mesmo assim, o que está dentro do museu não deve ser rejeitado, eles têm uma importância para estarem dentro de uma. Sendo assim, essas instituições não devem ser ignoradas, pelo contrário, existem para serem utilizadas, visitadas pelas pessoas.

Uma outra fala importante do mesmo autor (Saez) no livro e que pode ser a causa de preconceito relacionado a arte é o fato da comparação das obras com a realidade:

A arte não é só uma representação da realidade, a arte pode criar sua própria realidade (...). Para as pessoas familiarizadas com a pintura, uma das formas de avaliar se uma obra é boa ou ruim é sua semelhança com a realidade, quanto mais parecida com algo real, melhor é a obra. (...) §Assim nunca se pode apreciar plenamente a arte. (SAEZ, 2013, p. 45).

No caso, este pensamento não vem apenas de pessoas familiarizadas com a arte e sim de muitos leigos também, ele ainda acrescenta: “A arte deve ser livre e não pode estar escravizada a realidade. (...) Esqueçam a realidade, nem que seja só por um momento e apreciem o que estão vendo. A arte é muito mais do que um sistema de representação do nosso entorno. (...) A arte é uma janela aberta para lugares desconhecidos” (SAEZ, 2013, p. 45-47).

Seguindo ainda nesta mesma linha de pensamento em defesa da arte: “Ninguém pergunta a cor do capim. Não se deve buscar porquês, basta sentir seu frescor, seu cheiro. Devemos nos esquecer de tudo, até de nós mesmos, e a única coisa importante é a existência.” (pag.69). Continuando: “Quem não sente não vive. Acumular e analisar dados não é viver. No fim das contas, a vida é um acúmulo de sensações”. (SAEZ, 2013, p. 74).

E são estes acúmulos de sensações que dão sentido a nossa vida e vão construindo nossa própria cultura e consequentemente formando nosso patrimônio que é esse acúmulo de sensações dita pelo autor.

Recado final para os leitores⁸:

Obs.: Substitua a palavra livro por texto.

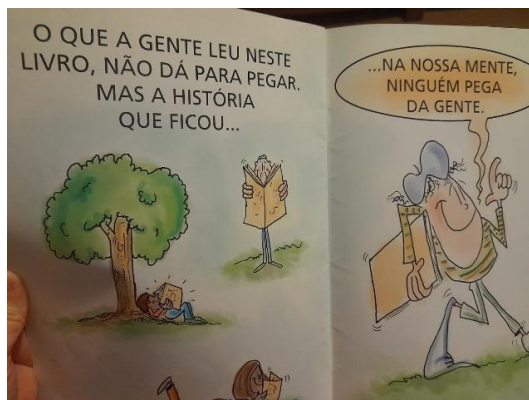


Figura 35 - Final do livro *Coisas que pode pegar e coisas que não podem* do autor/Ilustrador Ivo Mikovicius.

⁸ Segundo o autor “o livro foi escrito há mais de 20 anos, e foi a partir de uma parte que fala de saúde, de lá puxei todo os fios que deram no livro. A ideia de falar do tangível e do intangível me perseguia.

Referências

CONHEÇA o projeto que une obras de arte e música para democratizar a visitação em museus no Brasil. **Dasartes**. Notícias. 14 nov. 2024. Disponível em: <https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/conheca-o-projeto-que-une-obras-de-arte-e-musica-para-democratizar-a-visitacao-em-museus-no-brasil/> Acesso em: 16 dez. 2024.

DUCATTEAU, Florence. **Visitando um museu**. São Paulo: Brinque Book Saber, 2011. 28 p. (Coleção Descobrindo o Entretenimento).

FACA especial: acabamentos. 10 fev. 2022. Disponível em: <https://www.promopress.com.br/post/faca-especial-acabamentos> Acesso em: 28 fev. 2025.

FRAZÃO, Dilva. Mestre Vitalino. **E-biografia**. 16 jun. 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/mestre_vitalino/ Acesso em: 10 nov. 2024.

INTERMEDIALIDADE. In: WIKIPEDIA: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Intermedialidade> Acesso em: 11 nov. 2024.

MINKOVINCIUS, Ivo. **Coisas que a gente pega e coisas que a gente não pega**. São Paulo: Editora de Cultura, 2011. 28 p.

MOUZAR, Benedito. **Viagem para outros tempos: um museu sem moldura**. Ilustrações Daniel Almeida. 2. ed. São Paulo: Liz editora, 2016. 58 p.

NEVES, André. **Mestre Vitalino**. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2013. 24p. (Coleção Nordestinamente).

NOVO significado de museu. **INTERNACIONAL COUNCIL OF MUSEUMS – ICOM** Brasil. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776 Acesso em: 10 nov. 2024.

SAEZ, Juanjo. **A arte: conversas imaginárias com minha mãe**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 264 p.

SEVILHA, Fabian. **Manu pintora de sonhos**. Ilustração Juan chaveta; tradução Janice Florido. 1. ed. Campinas, SP: Saber e Ler, 2017. 64 p.

ZERO, Caio. **Maior museu do mundo**. São Paulo: Pulo do Gato, 2024. 56 p. ilustração: Caio Zero.